

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS**

HERBERT WAGNER DE SOUZA SANTOS

**SOCIALTECH: CARACTERIZAÇÃO, EXEMPLOS E POSSÍVEIS
IMPACTOS SOBRE A SOCIEDADE**

VARGINHA/MG

2022

HERBERT WAGNER DE SOUZA SANTOS

**SOCIALTECH: CARACTERIZAÇÃO, EXEMPLOS E POSSÍVEIS
IMPACTOS SOBRE A SOCIEDADE**

Trabalho de Conclusão do Programa Integrado de Ensino, Pesquisa e Extensão (PIEPEX) apresentado ao Instituto de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal de Alfenas como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel Interdisciplinar em Ciência e Economia.

Orientador: Prof. Dr. André Luiz da Silva Teixeira

VARGINHA/MG

2022

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Alfenas

Santos, Herbert Wagner De Souza.

Socialtech: Caracterização, Exemplos e Possíveis Impactos sobre a
Sociedade / Herbert Wagner De Souza Santos. - Varginha, MG, 2022.
25 f. : il. -

Orientador(a): André Luiz da Silva Teixeira.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Bacharelado
Interdisciplinar em Ciência e Economia) - Universidade Federal de Alfenas,
Varginha, MG, 2022.

Bibliografia.

1. Socialtech. 2. Impacto Social. 3. Fintech. I. Teixeira, André Luiz da
Silva, orient. II. Título.

HERBERT WAGNER DE SOUZA SANTOS

**SOCIALTECH: CARACTERIZAÇÃO, EXEMPLOS E POSSÍVEIS
IMPACTOS SOBRE A SOCIEDADE**

A banca examinadora abaixo-assinada aprova o Trabalho de Conclusão de PIEPEX apresentado como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel Interdisciplinar em Ciência e Economia pelo Instituto de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal de Alfnas.

Aprovado em: 11 de abril de 2022 (Processo SEI nº 23087.001816/2022-67)

Prof. Dr. André Luiz da Silva Teixeira (orientador)
Universidade Federal de Alfnas

Prof. Dr. Fernando Batista Pereira
Universidade Federal de Alfnas

Prof. Dr. Dimitri Augusto da Cunha Toledo
Universidade Federal de Alfnas

RESUMO

O presente trabalho disserta sobre as Socialtechs (organizações que atuam na indústria financeira por meio das tecnologias de informação e comunicação e visam o impacto social), com o objetivo de enfatizar suas principais características, de onde surgiu o conceito e exemplos de atuação de diferentes tipos. O texto aborda ainda o assunto Fintech (*Financial Technologies*), termo empregado para novos empreendimentos apoiados no uso intensivo de plataformas tecnológicas e orientadas para a prestação de serviços financeiros, trazendo qual a origem do termo, diferentes definições em busca de algo que as unissem, sua referência à sexta onda de inovação bancária e sua relação com as Socialtechs. Para o estudo do tema, a metodologia empregada foi a revisão de literatura a partir da plataforma Google Acadêmico, além de livros, revistas e dados secundários. A conclusão deste trabalho é de que existem inúmeros tipos de Fintechs no Brasil e as Socialtechs são uma delas, se diferenciando principalmente por terem como objetivo causar impactos sociais na sociedade, como a democratização do sistema financeiro, atendendo mais pessoas, e o estímulo à economia local. Parte desses impactos são exemplificados pelos casos de Socialtechs tratados aqui (Banco Palmas, Avante e G10 Bank).

Palavras chave: socialtech; impacto social; fintech.

ABSTRACT

The present work discusses Socialtechs (an organization that operates in the financial industry through information and communication technologies and aims at social impact), with the objective of emphasizing its main characteristics, where the concept came from and examples of different types of actions. The text also addresses the subject Fintech (Financial Technologies), a term used for new ventures supported by the intensive use of technological platforms and oriented towards the provision of financial services, bringing the origin of the term, different definitions in search of something that unite them, its reference to the sixth wave of banking innovation and its relationship with Socialtechs. For the study of the theme, the methodology used was the literature review from the Google Scholar platform, in addition to books, magazines and secondary data. The conclusion of this work is that there are numerous types of Fintechs in Brazil and Socialtechs are one of them, differing mainly because they aim to cause impacts on society, such as the democratization of the financial system, serving more people, and stimulating the local economy. Part of these impacts are exemplified by the cases of Socialtechs discussed here (Banco Palmas, Avante and G10 Bank).

Keywords: socialtech; social impact; fintech.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	8
2. Referencial teórico:.....	8
2.1. O que são Fintechs?.....	8
2.2. Socialtech (em português, Fintech Social).....	14
3. Casos analisados.....	17
3.1. Banco Palmas.....	17
3.2. Avante.....	18
3.3. G10 Bank.....	19
3.4. Síntese própria: como os casos discutidos se relacionam?.....	20
4. Considerações finais.....	21
REFERÊNCIAS.....	22
ANEXOS.....	25

1. Introdução

A crise financeira internacional, deflagrada em 2008, teve grandes repercussões no mundo. Após a falência do banco norte-americano Lehman Brothers e do apoio financeiro que o governo dos EUA teve que dar para o rombo ser menor, o setor público dos países desenvolvidos teve que criar uma série de regulamentos e penalidades financeiras para evitar novas crises. Por consequência, os bancos deixaram em segundo plano a busca por desenvolvimentos tecnológicos e de novos negócios (FINTECH, 2019), o que abriu espaço para que novas empresas focadas na tecnologia pudessem entrar no mercado.

Nesse contexto surgiram as Fintechs, que são novos empreendimentos baseados no uso intensivo de plataformas digitais e, assim, muito mais ágeis, eficientes e baratos para o sistema financeiro convencional (SIQUEIRA; DINIZ; ALBINO, 2018). Esses empreendimentos podem ser divididos em subcategorias, como: Insurtech, para empresas especializadas em serviços de seguros; Regtech, para empresas que oferecem serviços de compliance para bancos; e as Socialtechs para empresas que possuem objetivo social (DINIZ; CERNEV, 2019, p. 188).

O presente artigo busca compreender e exemplificar estas Fintechs com objetivo social, ou seja, as Socialtechs. Em termos mais específicos, discute-se qual sua definição, suas características e possíveis áreas para atuação, além de apresentar alguns exemplos de empreendimentos que podem ser enquadrados na categoria de Socialtech.

Para isso, o presente estudo foi dividido em 3 seções, além desta introdução. Na seção 2 é exposto um referencial teórico dos temas a serem estudados, definindo o que são Fintechs (2.1) e Socialtechs (2.2). Na seção 3 são apresentados três exemplos brasileiros de Socialtechs - Banco Palmas (subseção 3.1), Avante (3.2) e G10 Bank (3.3) - e construída uma síntese sobre eles (3.4). Por fim, são realizadas as considerações finais.

2. Referencial teórico:

2.1. O que são Fintechs?

Impulsionada pela crise global de 2008 e pelo avanço dos serviços baseados na internet, uma série de alternativas financeiras que emergem fora do sistema tradicional financeiro tem surgido (SIQUEIRA; DINIZ; ALBINO, 2018). Uma delas é a Fintech (em inglês, *Financial Technologies*). Este termo é empregado para identificar novos

empreendimentos apoiados no uso intensivo de plataformas tecnológicas e orientados para a prestação de serviços financeiros (DINIZ; CERNEV, 2019, p. 185). Entretanto, existem diferenças entre as Fintechs e os serviços financeiros. Segundo Gozman, Liebenau e Mangan (2017), as Fintechs se diferenciam das empresas de serviços financeiros tradicionais pelo uso da tecnologia para reinventar os produtos, serviços e capacidades do setor de serviços financeiros tradicionais.

Quando o assunto é a definição de Fintech, podem ser identificadas ao menos três destas. Diniz e Cernev (2019) as denominou como “aqueles empreendimentos que atuam no setor bancário-financeiro, mas que de fato não são formalmente constituídos como bancos ou instituições financeiras reguladas” (p. 188). Já Schueffel (2017, *apud* SIQUEIRA; DINIZ; ALBINO, 2018) conceituou assim: “Fintech é uma nova indústria financeira que aplica tecnologia para evoluir as atividades financeiras” (p. 45). Por fim, Fintechlab (2020) caracteriza Fintech como empresas ou iniciativas que trazem novas abordagens e modelos de negócios em serviços financeiros e são escaláveis principalmente através de tecnologia. Em suma, a partir dos estudos apresentados, pode-se dizer que Fintech, em essência, é uma empresa que atua com serviços financeiros, e fortemente baseada em tecnologias da informação e comunicação.

É possível considerar Fintech como a representação de uma sexta onda de inovação do setor financeiro/bancário. Isso é feito a partir do conceito de ondas de inovação bancária (CERNEV; DINIZ; JAYO, 2009, *apud* DINIZ; CERNEV, 2019, p. 190).

O termo ondas de inovação foi criado pelo economista Joseph Schumpeter (1942) que sugere que os ciclos de negócios operam sob ondas longas de inovação e à medida que os mercados são perturbados, os principais grupos de indústrias têm efeitos desproporcionais na economia (*apud* PICKERT, 2022). No ponto de vista do setor bancário, as ondas de inovação estão diretamente ligadas à introdução de automação nos processos relacionados à execução de uma transação bancária¹.

Ao longo do século XX e XXI existiram 5 ondas de inovação tecnológica dentro do setor bancário. A primeira teve início em 1960, com a introdução de computadores de grande porte, os *mainframes*, nos processos internos do banco, para obter ganhos de escala e maior eficiência no registro contábil das transações. A segunda onda teve seu início em 1970, com a automação dos caixas das agências e a adoção de um modelo de processamento de dados

¹ Esses processos podem ser divididos em três. O primeiro ocorre quando um cliente solicita uma transação ao banco; o passo seguinte é a iniciação interna, em que uma transação é transmitida aos sistemas administrativos; e o terceiro corresponde ao processamento, que envolve o registro contábil dessa transação (DINIZ; CERNEV, 2019, p.190).

distribuído. A terceira onda foi caracterizada pela automação das transações iniciadas pelos clientes, com o surgimento de caixas eletrônicos em locais públicos ao longo dos anos 1980. A quarta onda de inovação foi iniciada em meados da década de 1990, com a introdução de tecnologias que permitiram a interação do cliente com o banco sem sair de sua casa (internet banking). Já a quinta onda de inovação do setor bancário teve seu início por volta dos anos 2000 e foi definida como o uso estratégico da tecnologia da informação para ampliar a base tradicional de clientes por meio de parcerias com empresas não financeiras (DINIZ; CERNEV, 2019) Essas parcerias trouxeram por exemplo a adoção dos correspondentes bancários, como as casas lotéricas, que atuam como pontos de distribuição de serviços bancários. Também se teve o surgimento de dispositivos dos celulares, como os aplicativos servindo como canal de acesso aos serviços dos bancos, através de operadoras de telefonia móvel por exemplo (OLIVEIRA, 2017).

Atualmente estaríamos em uma sexta onda de inovações no setor bancário, marcada pelo surgimento de serviços de tecnologia bancária fora do ambiente dos bancos. Essa onda contou com a emergência de ferramentas sofisticadas que possibilitaram o acesso a tecnologias antes consideradas muito caras para empresas de pequeno porte. Computação em nuvem, big data, ferramentas analíticas e redes sociais são exemplos dessas tecnologias e foram fundamentais para a emergência das Fintechs. Diferentemente da quinta onda, na qual bancos estabelecem parcerias e alianças com agentes externos, mantendo certo domínio sobre suas operações, as forças motrizes da sexta onda de inovações são essencialmente exógenas ao setor bancário. As Fintechs se estabelecem, inicialmente, de forma independente, oferecendo produtos e serviços inovadores, dos mesmos mercados, possivelmente para um público ampliado e mais segmentado de clientes (DINIZ; CERNEV, 2019).

O quadro 1 sintetiza alguns dos principais fatores envolvidos em cada uma das ondas de inovação do setor bancário.

Quadro 1 - Ondas de Inovação do setor bancário

Ondas	Tecnologias	Demandas de mercado	Nascimento
Primeira onda	<i>Mainframe</i>	Aumento do número de clientes leva ao crescimento do volume de transações processadas em <i>back-office</i>	Bancos
Segunda onda	Mínicomputadores	Necessidade de processamento no nível da agência, implantação de sistemas <i>on-line</i>	Bancos
Terceira onda	Microcomputadores	Demanda por autoatendimento, no ambiente da agência e através de caixas eletrônicos	Bancos
Quarta onda	<i>Home e office banking; internet</i>	Maior interatividade e comodidade para clientes que já dispõem de computadores	Bancos
Quinta onda	Mobilidade e convergência digital	Maior capilaridade e ubiquidade para expansão da rede de clientes	Parceria banco/empresa não-bancária
Sexta onda*	Computação em nuvem; <i>big data</i> ; ferramentas analíticas; redes sociais	Pagamento por serviço utilizado; agilidade compatível com ambiente de alta conectividade; pressão por preço em detrimento da fidelidade a fornecedor	Empresas não-bancárias (Ex.: Fintechs)

Fonte: Elaboração própria baseada em Diniz e Cernev (2019).

* Primeira onda bancária realizada por agentes externos aos bancos

Ademais, dentro do universo das Fintechs existem subcategorias especializadas em diferentes setores e atividades. Em termos mais amplos, Diniz e Cernev (2019, p. 188) consideram os seguintes tipos de Fintechs: Insurtechs, especializada em serviços de seguros; as bigtechs, como Amazon, Google, Samsung, Apple que entraram no mercado de serviços financeiros; as Regtechs, oferecem serviços de compliance para bancos e outras Fintechs; e as Socialtechs (Fintech social), que possuem objetivo social.

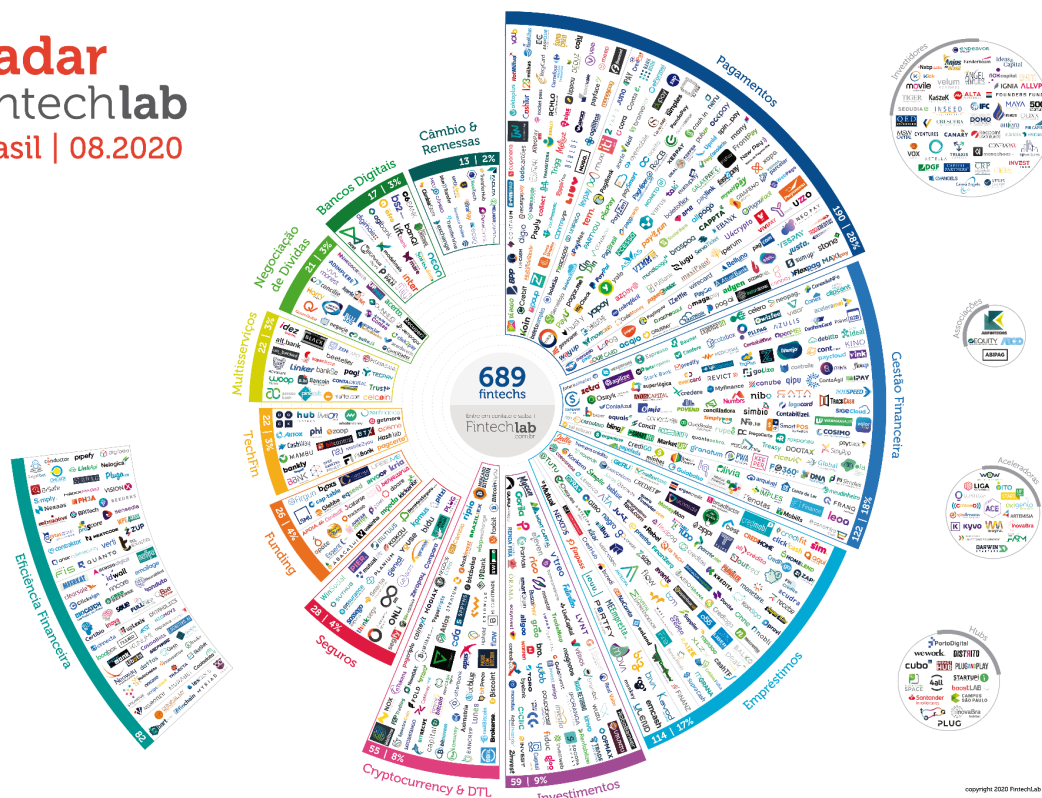
Especificamente no Brasil, há várias categorias de Fintech, como: de crédito, de pagamento, gestão financeira, empréstimo, investimento, financiamento, seguro, negociação de dívidas, câmbio e multiserviços (BACEN, 2022). A figura 1 ilustra essa diversidade de Fintechs no Brasil. Produzido pela Fintechlab, o “radar de Fintech” divulga diversas categorias de Fintechs, além de exibir agentes periféricos a esse conceito, como empresas de telecomunicação, reguladores de mercado, associações, bancos, bandeiras de cartão de crédito e até aplicativos de táxi (DINIZ; CERNEV, 2019, p. 188). Em sua edição de 2020, foram encontradas 689 Fintechs no Brasil, divididas em 12 tipos: Pagamentos (28%), Gestão Financeira (18%), Empréstimos (17%), Investimentos (9%), Criptomoeda (8%), Seguros (4%), Financiamento (4%), TechFin² (3%), Multisserviços (3%), Negociação de Dívidas (3%), Bancos Digitais (3%), Câmbio e Remessas (2%)³.

² Techfin refere-se a uma empresa de tecnologia que oferece soluções financeiras integradas ao próprio sistema de gestão da companhia, trabalhando com finanças e dados centralizados em uma mesma interface (TOTVS, 2021).

³ Vale lembrar que a Fintechlab considera Fintech como empresas ou iniciativas que trazem novas abordagens e modelos de negócios em serviços financeiros e são escaláveis principalmente através de tecnologia. Já as iniciativas classificadas como de eficiência financeira são organizações que atuam por meio de bureaus de informações, soluções de prevenção à fraude, biometria, blockchain, analytics, além de outras tecnologias e serviços que apoiam e trazem maior agilidade e praticidade ao mercado financeiro (FINTECHLAB, 2020).

Figura 1 - Radar de Fintech 2020

**Radar
Fintechlab**
Brasil | 08.2020



Fonte: FintechLab.

Essa imagem evidencia que existem inúmeras Fintechs operando no Brasil, de diferentes tipos e serviços oferecidos. Dado o fato de serem, em geral, organizações especializadas, desburocratizadas e terem baixos custos de transação (alcançados, em especial, a partir da aplicação intensiva das tecnologias de informação e comunicação - TICs), as Fintechs podem gerar impactos na sociedade, como: (a) possível redução da concentração bancária, pois há a entrada de diferentes empresas no sistema financeiro, com capacidade para praticar preços menores; (b) criação de novas contas bancárias (apenas 43% dos adultos têm conta bancária, nos países de baixa renda esse número cai para 28%); (c) possível atendimento a grupos de pessoas de baixa renda, pois os serviços financeiros tradicionais apresentam muitos empecilhos para sua entrada; (d) facilitar o acesso a crédito para pequenas e médias empresas “fora do padrão” que precisam de financiamento para manter suas atividades (empresas de reciclagem, coleta de lixo, etc...), mas não são atendidas pelos serviços financeiros tradicionais. Esses impactos podem ser potencializados - ou possibilitados - pela alta penetração de celulares, passando de 60% dos países emergentes e que oferecem interfaces mais intuitivas e aumentam a adoção de aplicativos, além do fato da

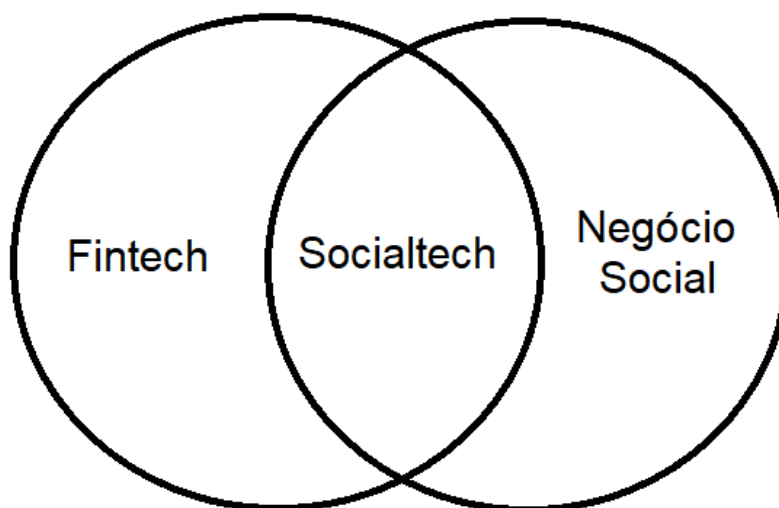
população jovem demandar por novo tipo de relacionamento com bancos, e prefere realizar transações financeiras por outros meios, como via celulares e o meio virtual. (SIQUEIRA; DINIZ, 2017).

Feita a observação de que as Fintechs possuem potencial para causar impacto social, se torna importante compreender, em especial, as Fintechs que tem esse objetivo explícito, que trabalham com esse tipo de pensamento. Estas são conhecidas como Socialtechs, discutidas na seção abaixo.

2.2. Socialtech (em português, Fintech Social)

Segundo Barki *et al.* (2015 *apud* SIQUEIRA; DINIZ, 2017) a definição de Socialtech se dá a partir da junção de características de empresas do tipo Fintech (discutidas anteriormente), bem como de negócios sociais. Os negócios sociais têm o objetivo de diminuir as desigualdades sociais e reduzir as vulnerabilidades. Esses empreendimentos devem ser capazes de manter a sustentabilidade do negócio, ao mesmo tempo em que visam atender as necessidades sociais, gerando um impacto social. Essa intersecção é representada na figura 2.

Figura 2 - Fintech Social (Socialtech): ideia geral



Fonte: Elaboração própria.

A partir da literatura estudada, Siqueira e Diniz (2017) organizaram uma definição que encontrasse uma intersecção entre Fintech e Negócios Sociais, tomando como base que um negócio social pode ter como negócio o oferecimento de serviços financeiros por meio da tecnologia, bem como uma Fintech pode ter como objetivo o impacto social. Com essa visão exposta, esses autores estabeleceram a seguinte definição que abrange a referida intersecção:

As Socialtechs são organizações que atuam na indústria financeira por meio da aplicação e do uso intensivo das tecnologias da informação e comunicação, visando gerar impacto social e buscando manter a sustentabilidade de suas atividades, ao mesmo tempo que reinvestem o lucro (se houver) (SIQUEIRA; DINIZ, 2017, p. 9).

Por outro lado, organizações que visem o impacto social, mas não executam ações que visem a sustentabilidade do negócio, dependendo exclusivamente de doações, privadas ou governamentais, para manutenção de sua atividade, também não integram o conjunto de organizações do tipo Socialtech (SIQUEIRA; DINIZ, 2017).

Wood (2010, *apud* SIQUEIRA; DINIZ, 2017, p. 10) trouxe ser necessário, ao definir Socialtech, substituir o termo ‘empresa’ por ‘organização’. Essa alteração faz-se necessária, pois muitas vezes a definição de empresa, especialmente empresa comercial, está associada a “autointeresse, orientação para o mercado e foco na criação de valor”, ou seja, existem características que acabam por diferir de um negócio social.

Dentro da categoria de Socialtechs existem três tipos que são definidas a partir de seu objetivo (SIQUEIRA; DINIZ, 2017). O quadro 2 apresenta esses tipos e alguns exemplos.

Quadro 2 - Tipos de Socialtechs

Socialtech	Objetivo de Impacto Social	Exemplos
Inclusiva	Impacto Financeiro	Banco Palmas*
	Desenvolvimento Local	
	Sustentabilidade	
Provedora	Prover tecnologia para impacto social	QOIN
	Prover educação financeira para transformação	
	Prover consultoria em projetos de serviços financeiros de inclusão financeira e desenvolvimento local	
Hacker	Descentralizar por meio de disrupção	Avante* G10 Bank*
	Criar alternativas para substituir capital financeiro	
	Democratização	

Fonte: Elaboração própria baseada em Siqueira e Diniz (2017). Nota: Exemplos buscados em diferentes obras e na internet; *Esses casos são brasileiros e serão discutidos na seção 3.

Como o quadro 2 evidencia, uma Socialtech possui como seu objetivo causar impacto social, entendendo-o de uma forma ampla. Esse impacto social pode ser de diferentes formas, levando à classificação das Socialtechs em três tipos: (1) Socialtech Inclusiva, para empreendimentos que buscam impacto financeiro, desenvolvimento local e/ou sustentabilidade; (2) Socialtech Provedora, às organizações que buscam prover tecnologia para impacto social, educação financeira e desenvolvimento local e/ou consultoria em projetos de serviços financeiros de inclusão financeira e desenvolvimento local, ou seja, elas provêm o serviço, mas não o faz, apenas o oferece para as comunidades; (3) Socialtech Hacker, para as organizações que buscam descentralizar por meio de disrupção o sistema financeiro, criar alternativas para substituir capital financeiro e/ou democratização no sistema financeiro, oferecendo serviços para pessoas, empresas ou organizações atendidas de forma insatisfatória por este.

Para exemplificar a ação de uma Socialtech e seu impacto social, vejamos o caso da empresa Qoin.

A Qoin é uma organização localizada na Holanda e fundada em 2007 para atender e fomentar a resiliência financeira de comunidades no noroeste da Europa. Trata-se de uma organização especializada na concepção e implementação de moedas comunitárias.

A organização é provedora de soluções de tecnologia da informação que suportem diversos modelos de moedas comunitárias, que existem para os mais diversos fins. As soluções oferecidas atendem desde governos locais, comunidades, bem como pequenas e médias empresas. Cada serviço tem uma taxa que é reinvestida na manutenção das ações da Qoin (SIQUEIRA; DINIZ; ALBINO, 2018). A Qoin adaptou o ecossistema de software “*open source*” para habilitar pagamentos móveis, usados por grandes arranjos de moedas comunitárias na Europa, como Brixton Pound e Briston Pound (KENNEDY *et al.*, 2012, *apud* SIQUEIRA; DINIZ, 2017).

O propósito da Qoin é redesenhar o dinheiro para atender às mudanças nas necessidades da sociedade, capacitar os governos locais, as instituições e as pequenas e médias empresas a resolver questões em conjunto. A Qoin, portanto, entrega serviços financeiros por meio das tecnologias de informação e comunicação (TIC) com o objetivo principal de gerar impacto social e tem um modelo de negócio que busca garantir a sustentabilidade. A partir da categorização, por prover a solução, mas não gerenciar o caminho, deixando isso a cargo da comunidade local, a Qoin pode ser classificada como Socialtech do tipo Provedora. (SIQUEIRA; DINIZ; ALBINO, 2018).

Os outros três casos brasileiros destacados no quadro 2 serão discutidos e detalhados na próxima seção.

3. Casos analisados

3.1. Banco Palmas

O Banco Palmas é uma organização comunitária localizada na periferia de Fortaleza (CE), criado em 1998 pela Associação de Moradores da Comunidade do Conjunto Palmeiras (AMOCNP). De acordo com o censo brasileiro de 2010, o conjunto Palmeiras era o bairro com pior IDH de Fortaleza, além de possuir 50% de sua população sem contas bancárias, de acordo com pesquisa realizada na comunidade pela equipe PalmasLab, braço tecnológico do Banco Palmas. (HERNANDES *et al.*, 2017, *apud* SIQUEIRA; DINIZ, 2017).

Em 2000 o banco lançou sua moeda social impressa, o Palmas, com objetivo de estimular o comércio local, despertando a consciência dos moradores para as compras no bairro. A moeda teve grande sucesso na comunidade, tendo sido aceita em postos de gasolina, supermercados e vans de transporte (RIGO e FRANÇA FILHO, 2017, *apud* SIQUEIRA; DINIZ, 2017).

Com a possibilidade de reduzir os custos de emissão e controle da moeda Palmas, em papel, assim como a possibilidade de conectar vários bancos comunitários em uma mesma plataforma, foi de grande interesse do Banco Palmas a criação do Palmas Digital (HERNANDES *et al.*, 2017). Em 2011, houve o lançamento da primeira versão social eletrônica da moeda (Palmas Digital), em parceria com a Caixa, Mastercard, Redecard e a Vivo. Entretanto, devido aos vários interesses distintos dos parceiros envolvidos, a iniciativa não teve sucesso (DINIZ; CERNEV; ALBUQUERQUE, 2013, *apud* SIQUEIRA; DINIZ, 2017). Após uma nova regulamentação do Banco Central em 2013, o Banco Palmas, em parceria com a Fintech Money Clip, lançou a segunda versão da moeda social eletrônica, chamada de e-Dinheiro, tendo iniciado os testes pilotos na comunidade em 2014. (SIQUEIRA; DINIZ; ALBINO, 2018).

A plataforma pode ser acessada pelo celular (via SMS ou aplicativo) ou ainda pela web. A utilização do aplicativo estimula o comércio local, gera renda extra para os representantes do banco, mas também é um mecanismo que ajuda na sustentabilidade da organização comunitária. Um exemplo citado, ao comprar em um supermercado com o e-Dinheiro, é cobrada uma taxa de 2% para cada transação financeira, algo que se torna vantajoso também para o supermercado visto que operadores tradicionais cobram, em geral,

5% de taxa para operações de crédito e débito. O serviço é desburocratizado, visto que requer apenas que o usuário tenha um número de celular ativo, não dependendo do celular, tornando-se de fácil acesso para toda comunidade. Com o aplicativo é possível realizar transferências entre pessoas, pagamentos de compras, de contas e obtenção de crédito para celular, além de microsseguros. A plataforma continua passando por modificações, a fim de implementar novas melhorias e novos serviços (SIQUEIRA; DINIZ, 2017).

Siqueira e Diniz (2017, p. 11) concluem que:

O Banco Palmas entrega serviços financeiros por meio de tecnologia da informação, toma ações que visam sua sustentabilidade, de forma reduzir sua dependência de recursos governamentais ou de doações e mantém o lucro (se houver), investido no banco e em suas ações. Têm objetivos sociais claros de levar serviços financeiros (pagamentos, seguros, empréstimos) à comunidade, democratizando o acesso a eles, bem como estimulando a economia local, que têm potencial de gerar emprego e renda para a comunidade.

3.2. Avante

A Avante é uma Fintech que oferta crédito para micro e pequenos empreendedores em regiões mal servidas pelo sistema financeiro atual (VOXCAPITAL, 2020). Fundada em 2012, por seu fundador e presidente Bernardo Bonjean, com o objetivo de oferecer microcrédito a micro empreendedores, ela já atendeu mais de 24.000 pessoas desde a sua fundação. A organização começou no modelo de microfinanças tradicional, com uma agência na periferia de São Paulo (Paraisópolis). Desde então, buscou tecnologias que diminuíssem seu custo de operação, já que o modelo tradicional mostrou-se muito caro. A Fintech fechou a agência em São Paulo, equipou seus agentes e transferiu sua base de atuação para o nordeste (SIQUEIRA; DINIZ; GONZÁLEZ, 2018), buscando sua base de clientes *in loco*, e possui um time que atende 120 municípios dos Estados de Maranhão, Ceará, Pernambuco e Paraíba (ALVES, 2018).

Para realização de suas atividades utiliza de plataforma digital para o cadastro, para cálculo de score de crédito e também para oferecer soluções de pagamento, como contas pré-pagas e cartões pré-pagos (SIQUEIRA; DINIZ; ALBINO, 2017). O modelo do negócio foi desenvolvido com outros sócios com bastante experiência no relacionamento com públicos das classes C e D, como a família Klein, fundadora da Casas Bahia, a Omni Financeira e o banco mexicano Gentera (ALVES, 2018). A captação de recursos no mercado financeiro, bem como a entrega de microcrédito utilizando modelo de crédito individual compõe a base de atuação da Avante. No modelo da Avante, o representante vai até o

microempreendedor, avalia o negócio, avalia as condições e, ele mesmo, atribui uma primeira classificação de risco, buscando desenvolver um relacionamento (TRINDADE, 2017; BONJEAN, 2015, *apud* SIQUEIRA; DINIZ; ALBINO, 2017).

A tecnologia é vital para o negócio da Avante, mas é considerada apenas uma ferramenta de suporte, não consistindo no negócio principal. Em relação a dimensão ideológica, o próprio fundador coloca suas atividades no campo do capitalismo consciente e busca estabelecer relações com o mercado financeiro tradicional na intenção de colaborar para a melhoria do mercado (BONJEAN, 2015, *apud* SIQUEIRA; DINIZ; ALBINO, 2017). Portanto, a Avante pode ser caracterizada como uma Socialtech, pois atua no mercado financeiro, é intensiva em tecnologias de informação e comunicação e busca gerar impacto social nas periferias, a partir de microcréditos e outros serviços financeiros para microempreendedores pouco favorecidos pelo sistema financeiro atual.

3.3. G10 Bank

O G10 Bank é um banco digital criado pelos empreendedores de impacto social do G10 Favelas, que é formado pelos líderes das dez maiores comunidades do Brasil (SELECTRA, 2021). O G10 Favelas nasceu com a ideia desses empreendedores de tentar ajudar suas comunidades a superar a crise gerada pela pandemia do novo coronavírus e fomentar o desenvolvimento econômico dentro das comunidades.

O bloco G10 Favelas é constituído por líderes de 10 grandes comunidades brasileiras. O bloco é formado pelas comunidades da Rocinha (RJ), Rio das Ostras (RJ), Heliópolis (SP), Paraisópolis (SP), Cidade de Deus (AM), Baixadas da Condor (PA), Baixada da Estrada Nova Jurunas (PA), Casa Amarela (PE), Coroadinho (MA) e Sol Nascente (DF) (MARTINS, 2021).

O objetivo do G10 Bank é potencializar o ecossistema empreendedor, principalmente para micro e pequenos empresários na comunidade, criando uma rede de apoio, fornecendo microcréditos e conseguindo estimular a economia local (SELECTRA, 2021). Para que o projeto pudesse sair do papel foi necessária autorização do Banco Central para funcionar como uma Empresa Simples de Crédito (ESC) e inicialmente oferecer microcréditos e financiamentos voltados para empreendedores das favelas (MARTINS, 2021). A conta digital da Fintech é gratuita e ela busca oferecer vantagens em pagamentos de contas, recebimentos e transferências via TED, emissão de boletos e pagamentos com cartão de crédito e débito, além de seguros e maquininhas de cartão em parceria com outras instituições financeiras.

Segundo Jerônimo Ramos (apud SAYURI, 2021), ex-executivo da área de microcrédito do banco Santander que está assessorando o G10 Favelas, "o projeto não é dar dinheiro, é investir com algum retorno, para que essa operação G10 Bank seja sustentável". Portanto, o G10 Bank é uma Socialtech, pois atua no mercado financeiro, por meio das tecnologias de informação e comunicação visando gerar impacto social, descentralizando os atuais modos de financiamento, ao oferecer créditos a menos favorecidos, fazendo dela um meio alternativo de oferta de capital e, com isso, aumentando a democratização no sistema financeiro do país.

3.4. Síntese própria: como os casos discutidos se relacionam?

A partir dos casos apresentados, podemos observar que os 3 empreendimentos brasileiros buscam causar impacto social, mesmo que com objetivos diferentes. O Banco Palmas, desde sua criação, traz a ideia do desenvolvimento local, do impacto financeiro e da sustentabilidade financeira, de forma a reduzir sua dependência de recursos governamentais ou de doações e caso obtenha lucro o reinvestirá na organização, além de entregar serviços financeiros por meio das TICs. Seus objetivos sociais são claros - levar serviços financeiros para sociedades mais carentes - e sua forma de atuação a encaixa na definição de Socialtech, na categoria inclusiva, pois busca o impacto financeiro nas comunidades, estimulando a economia local (SIQUEIRA; DINIZ, 2017). Já a Avante e o G10 Bank são duas organizações que se encaixam na definição de Socialtech, pois entregam serviços por meio das TIC e buscam gerar impacto social via acesso ao microcrédito e financiamento. Em especial, essas organizações mais se encaixam na categoria Hacker, pois democratizam e criam alternativas de serviços financeiros os oferecendo para populações pouco favorecidas pelo atual sistema financeiro, através de plataforma digital e relacionamento interpessoal, buscando a inclusão financeira na "base da pirâmide" a partir de microcrédito para microempreendedores e outros serviços financeiros. O quadro 3 abaixo sintetiza os exemplos mostrando seus serviços oferecidos, qual o público atendido, o tipo de Socialtech e seu possível impacto social.

Quadro 3 - Fintechs Sociais

Casos	O que oferta	Público atendido	Tipo de Socialtech*	Possível impacto social**
Palmas	Moeda digital; Aplicativo para pagamentos de contas, compras e crédito para celular	Comunidades locais	Inclusiva	Impacto financeiro; Desenvolvimento da economia local
Avante	Microcrédito; Conta pré-paga; cartão pré-pago	Micro e pequenos empreendedores	Hacker	Democratização do sistema financeiro; Descentralização
G10	Microcrédito; financiamento; Conta digital para pagamentos e transferências; Seguro em maquininha de cartão	Micro e pequenos empreendedores	Hacker	Descentralização; Democratização do sistema financeiro

Fonte: Elaboração própria baseada na revisão da literatura. Notas: * Baseado em Siqueira e Diniz (2017); ** Baseado em síntese realizada no quadro A1 em anexo.

4. Considerações finais

O sistema financeiro vive hoje uma sexta onda de inovações, onde as Fintechs são um marco desse período (DINIZ; CERNEV, 2019). As Fintechs, em suma, são empresas que atuam com serviços financeiros, e fortemente baseada em tecnologias da informação e comunicação. Foi possível observar que existem diversas subcategorias de Fintech que se distinguem pela área de atuação da empresa. No Brasil, por exemplo, existem Fintechs de crédito, gestão financeira, investimento e seguros. O radar de Fintech 2020 do Fintechlab mostrou que existem mais de 689 Fintechs no país.

O presente trabalho buscou compreender e exemplificar uma dessas Fintechs: as Fintechs com objetivos de causar impacto social, ou seja, as Socialtechs. Pela literatura, Siqueira e Diniz (2017) definiram que uma Socialtech está entre uma intersecção de Fintechs e negócios sociais e é uma organização que atua na indústria financeira por meio das tecnologias de informação e comunicação, mas, visando o impacto social.

Para compreender uma Socialtech, seus tipos e possíveis impactos sociais, foram buscados exemplos que pudessem demonstrar de forma mais clara sua atuação e foi observado que uma Socialtech, assim como as Fintechs, atua no sistema financeiro através

das tecnologias de informação e comunicação (TIC), mas possui como característica causar impacto na sociedade, trabalhando em áreas ou setores da sociedade na qual o sistema financeiro não atende de forma satisfatória. Dentre esses impactos sobre a sociedade estão o estímulo ao comércio local, gerando renda e potencial de novos empregos, e o microcrédito e o financiamento para microempreendedores que não conseguem o crédito via sistema financeiro convencional, dando a oportunidade para pessoas conseguirem “melhorar” de vida, como os exemplos do Banco Palmas, Avante e G10 Bank sugerem.

Vale ressaltar que as Socialtechs ainda são um tema “novo” e que sua ideia de “causar impacto social” ainda precisa ser melhor definida pela literatura. Para trabalhos futuros, seria interessante aprimorar a definição sobre o tema, o recorte e mensuração desses impactos sociais, além de ampliar os exemplos de Socialtechs.

REFERÊNCIAS

ALVES, Aluísio. Fintech Avante entra em adquirência e prevê chegar em 1 mi de clientes em anos. **Época Negócios**, 2018. Disponível em:

<https://epocanegocios.globo.com/Empresa/noticia/2018/01/epoca-negocios-fintech-avante-entra-em-adquirencia-e-preve-chegar-a-1-mi-de-clientes-em-4-anos.html> Acesso em: 01 de mar. 2022.

BANCO CENTRAL DO BRASIL (Bacen). Fintechs. **Bacen**. Disponível em:

<https://www.bcb.gov.br/estabilidadefinanceira/fintechs> Acesso em: 03 de jan. de 2022.

DINIZ, Eduardo Henrique; CERNEV, Adrian Kremmer. Fintech: a sexta onda de inovações no sistema financeiro. *In*: TIGRE, Paulo Bastos; PINHEIRO, Alessandro Maia (org.). **Inovação em serviços na economia do compartilhamento**. 1. ed. São Paulo: Saraiva, 2019. p.185-201.

FINTECH. [Guia] Da origem ao crescimento das Fintech. **Fintech**, 2019. Disponível em: <https://fintech.com.br/blog/fintech/crescimento-das-fintechs/> Acesso em: 30 de nov. 2021.

FINTECHLAB. Edição 2020 do Radar FintechLab detecta 270 novas fintechs em um ano. **Fintechlab**, 2020. Disponível em:

<https://fintechlab.com.br/index.php/2020/08/25/edicao-2020-do-radar-fintechlab-detecta-270-novas-fintechs-em-um-ano/> Acesso em: 13 de jan. 2022.

GOZMAN, Daniel; LIEBENAU, Jonathan; MANGAN, Jonathan. The Innovation Mechanisms of Fintech Start-Ups: Insights from Swift's Inn Tribe Competition. **SSRN**, 2017. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.2139/ssrn.3189963>

HERNANDES, Eurídice Gomes da Silva *et al.* A digital community bank: mapping negotiation mechanisms in its consolidation as an alternative to commercial banks. **International Journal of Community Currency Research**, v. 22, p. 56-70, 2017.

MARTINS, André. Conheça o G10 Bank, banco que promete ser o BNDES para as favelas. **Exame**, 2021. Disponível em: <https://exame.com/invest/minhas-financas/fintech-mira-periferias-para-ser-o-bndes-para-as-favelas/> Acesso em: 25 de fev. 2022.

NOVAIS, Leandro; PRATES, Marcelo. Quem tem medo das Fintechs?. **Valor Econômico**, 2016. Disponível em: <https://valor.globo.com/opiniao/coluna/quem-tem-medo-das-fintech.ghtml> Acesso em: 12 de Dez. 2021.

OLIVEIRA, Ana Cyntia. **Inovação Tecnológica no Serviço Bancário e seu Efeito na Gestão de Pessoas**. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso). Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2018.

PICKERT, Lorena. 7 Ondas de Inovação: como elas influenciam no crescimento dos negócios?. **AAAINovação**, 2022. Disponível em: <https://blog.aaainovacao.com.br/ondas-de-inovacao/> Acesso em: 20 de fev. 2022.

SAYURI, Juliana. O que é o G10 Bank. E qual é seu papel na pandemia. **Nexo**, 2021. Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/expresso/2021/02/05/O-que-é-o-G10-Bank.-E-qual-é-seu-papel-na-pandemia> Acesso em: 26 de fev. 2022.

SELECTRA. G10 Bank. **Selectra**. Disponível em:

<https://selectra.net.br/financas/banco-digital/g10-bank> Acesso em: 25 de fev. 2022.

SIQUEIRA, Érica Souza; DINIZ, Eduardo Henrique; ALBINO, Raphael. Fintech Social: Definição, Categorização e Ilustrações Empíricas. **ResearchGate**, 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/320566596_Socialtech_Proposicao_Do_Conceito_De_Fintech_Social_e_Tres_Ilustracoes_Empiricas Acesso em: 10 de jan. 2022.

SIQUEIRA, Érica Souza; DINIZ, Eduardo Henrique. Socialtech: Proposição Do Conceito De Fintech Social e Três Ilustrações Empíricas. **XLI Encontro da ANPAD**, São Paulo, 2017.

SIQUEIRA, Érica Souza; DINIZ, Eduardo Henrique; González, Lauro. Socialtech: fintech with social goals and hybridism in emergent technological platforms of social financial organizations. **FGV Biblioteca Digital**, 2018. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10438/27743>

TOTVS. Techfin: O que é, como funciona, tipos e vantagens. **TOTVS**, 2021. Disponível em: <https://www.totvs.com/blog/servicos-financeiros/techfin/> Acesso em: 22 de mar. 2022.

VOXCAPITAL. Vox Impacto: Empresa Avante. **Vox capital**, 2020. Disponível em: <https://impacto.voxcapital.com.br/empresa/avante/> Acesso em: 09 de fev. 2022.

ANEXOS

Quadro A.1 - Contexto social em que as Fintechs podem atuar

Contexto	
Exclusão financeira a nível individual	Concentração bancária; Mais de 2 bilhões de adultos no mundo fora do sistema financeiro formal; Apenas 43% dos adultos possuem contas bancárias, países de baixa renda apenas 28%; Pessoas de baixa renda são excluídas pelos bancos e empresas do sistema tradicional financeiro; Serviços financeiros não são adequados a populações mais pobres
Exclusão financeira a nível empresarial	Pequenas e médias empresas não conseguem financiamento para manter suas atividades, principalmente de empresas "fora do padrão" como empresas de reciclagem, coleta de lixo, etc...;
Regulação	Bancos sofrem pressões de alto custos e pesadas regulações que podem impedir de oferecer serviços adequados aos mais pobres
Centralização da riqueza	Centralização de riqueza e poder nas empresas do mercado financeiro tradicional, especialmente os bancos, que impacta os consumidores dos preços quanto no acesso aos serviços financeiros; Ativos financeiros que representavam 109% do PIB em 1980 chegaram a 359% em 2007 e, apesar do crescimento, apenas 0,5% disso teria sido alocado para redução da pobreza
Difusão dos Celulares	Alta penetração de celular, passando de 60% em vários países chamados de economia emergentes; Celulares oferecem interfaces mais intuitivas e aumentam a adoção de aplicativos; População jovem acostumada a utilizar celular nas tarefas diárias; População jovem que demanda novo tipo de relacionamento com bancos, e prefere realizar transações financeiras por outros meios

Fonte: Elaboração própria baseado em Siqueira e Diniz (2017)